



SEM RUMO DE CYRO MARTINS: MODERNIZAÇÃO E EXCLUSÃO A PARTIR DAS TRANSFORMAÇÕES NA SOCIEDADE GAÚCHA¹

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3568

Manoel Adir Kischener, UEM
Everton Marcos Batistela, UTFPR

Resumo

A obra de *Sem rumo*, de Cyro Martins, centrada na personagem Chiru (inicialmente sem nome), mostra desde a infância até o período adulto de um guri que foi criado em uma estância, a do Silêncio, sem pais, vira afilhado de um fazendeiro (Nicanor Ayres) e vivendo as agruras da violência por parte do capataz (Clarimundo) até a fase que decide fugir e tomar conta do rumo de sua vida, boleando-se para a cidade, perambulando nas mais diversas atividades para poder sobreviver à carga histórica, representada mediante as transformações na sociedade gaúcha da primeira metade do século XX. O artigo tem como objetivo demonstrar as modificações percebidas pelo gaúcho andante e a exclusão das camadas sociais dentro da expansão do capitalismo. Amparada no livro citado, revisão de bibliográfica e letras do cancioneiro gaúcho, particularmente as nativistas (de festivais) numa tentativa de entrelaçar a História com a Literatura. Cyro faz uma ácida crítica social ao abandono do herói de outrora, que defendeu a fronteira a ponta de lança e a bala, que, alheio e arredo como que o cavalo, seu alter ego, como um centauro, que jamais se permitiu domar, mas que vê a modernização o silenciar, restando apenas lembrança no imaginário popular e nas construções e invenções da tradição que parte da intelectualidade sulina tenta impor há pelos menos dois séculos. Por fim, questiona-se: o gaúcho vive? qual foi o destino de Chiru? por onde andarão os seus descendentes? resistiram à modernização? Novos estudos poderão dar conta destas e outras lacunas.

Palavras Chave:

vida do gaúcho;
exclusão; capitalismo;
História e Literatura;
Cyro Martins.

¹ Esse texto resulta de partes do artigo de conclusão do curso de Especialização em História e Humanidades, do primeiro autor, na Universidade Estadual de Maringá (UEM), finalizado em 2015, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Felipe Viel Moreira. Trechos e muitas notas foram suprimidos para se adaptar ao espaço aqui cedido, acredita-se que o essencial do texto foi mantido, mas muitas ideias, enfoques, aspectos, enfim, só estarão presentes naquele primeiro trabalho.

Introdução/Justificativa

A obra *Sem rumo* de Cyro Martins que será analisada neste artigo, apesar de conter relatos históricos, ou uma história a partir da paisagem de sua narrativa, nela há um estilo mais canônico, por assim dizer, que a aproxima da Literatura, ou nela se encaixa. No entanto, poderia estar associada àquilo que Altamirano (2007) coloca a respeito da História intelectual, pois que esta “(...) privilegia certa classe de fatos – em primeiro lugar, os fatos do discurso – porque eles dão acesso a uma decifração da história que não pode ser obtida por outros meios e porque proporcionam pontos de observação únicos sobre o passado” (ALTAMIRANO, 2007, p. 11).

Sem rumo foi publicado em 1937, originalmente como uma novela (COUTINHO, SOUZA, 2001, p. 1025). Posteriormente o autor a rebatizou como um romance, em 1977, onde foi revisada, como exposto no prefácio da edição em estudo, “(...) revisar e refazer em parte, sem alterar sua estrutura de concepção e de estilo, a minha novela *Sem rumo*, que batizei agora de romance” (MARTINS, 1997, p. 11, *itálicos no original*), acreditando ser a classificação que sentaria melhor a obra. *Sem rumo* está organizada em 27 capítulos.

Ela faz parte do que se convencionou mais tarde ser chamada de “trilogia do gaúcho a pé”, composta assim de *Sem rumo*, *Porteira fechada* (1944) e *Estrada nova* (1954). Segundo o autor, apesar de ser uma classificação de um de seus editores², os livros “são inegavelmente aparentados”, pois seu elo temático seria o mesmo tipo, “(...) o gaúcho a pé, personagem sem eira nem beira, simbolizado em Chiru (*Sem rumo*), João Guedes (*Porteira fechada*) e Janguta (*Estrada nova*)” (MARTINS, 1997, p. 12).

Segundo Coutinho e Souza (2001), Cyro dos Santos Martins nasceu em Quaraí, estado do Rio Grande do Sul a 05/08/1908, e faleceu, aos 87 anos em Porto Alegre, 15/12/1995. O autor foi contista, novelista, romancista, conferencista, ensaísta, formado médico em 1933, posteriormente se tornou médico neuropsiquiatria.

Objetivos

Objetiva-se apresentar a obra *Sem rumo* e com esta demonstrar as modificações percebidas pelo gaúcho andante e a exclusão das camadas sociais dentro da expansão do capitalismo.

Amparada no livro citado, revisão de bibliográfica e letras do cancionário gaúcho, particularmente as nativistas (de festivais), também é uma tentativa de entrelaçar a História com a Literatura.

Resultados

A narrativa de *Sem rumo* de Cyro Martins está centrada na personagem central Chiru (inicialmente sem nome), mostrando desde a infância até o período adulto de um guri que foi criado em uma estância, a do Silêncio, sem pais, vira afilhado de um fazendeiro (Nicanor Ayres) e vivendo as agruras da violência por parte do capataz (Clarimundo) até a fase que decide fugir e tomar conta do rumo de sua vida, boleando-se para a cidade, perambulando nas mais diversas atividades para poder sobreviver à carga histórica, representada mediante as transformações que aquela sociedade sofria no período. Em sua personagem estão representados os gaúchos, reféns desse processo de modernização.

Provavelmente a obra se estende dos anos 1920 a 1930 na história do Rio Grande do Sul pelo que se depreende em

² Na síntese bibliográfica da edição em estudo, a 7ª pela Editora Movimento, consta que utilizou o

termo “gaúcho a pé” pela primeira vez em 1935, em uma conferência, “(...) origem e *leit motiv* de sua trilogia” (p. 7).

algumas de suas passagens, isto é, dada a associação de fatos históricos que repontam o leitor – como o peão faz com seu cavalo com a boiada – aos acontecidos no pago gaúcho.

É no capítulo 15 da obra que aparece a primeira ideia de crise, expressada no trecho “Agora, na falta de peões, aqueles molambos de gente tinham que sair a camperear” (MARTINS, 1997, p. 76). Para o que interessa aqui, neste artigo, que se pautará pela retomada das ideias de Cyro Martins nesse sentido e das reflexões possíveis a partir destas.

No capítulo seguinte, há mais detalhes a respeito da desestruturação do modo de vida que os peões levavam: “Alguns a revolução³ esparramou. Outros, não se acertando bem com o capataz, arrumaram de conta e se foram” (MARTINS, 1997, p. 82).

No capítulo 18, sobre a concorrência de caminhões contra as carretas, puxadas por juntas de bois, que começam a predominar na atividade de transporte e, desta forma gera certo ressentimento nos carreteiros e, estes passam a depender de intempéries climáticas, conforme o trecho ilustra: “(...) a esperança dos carreteiros estava nas enchentes, nos atoleiros, que certamente afastariam a concorrência dos caminhões” (MARTINS, 1997, p. 89).

A rivalidade e o ressentimento contrários a essa modernização da atividade de transporte de cargas, faz com que Chiru se lembre de episódio que ocorrera, quase causando acidente com sua carreta, “Chiru se lembrou do caminhão que, ainda naquela tarde, quase fez os bois emborcarem a carreta, de propósito, maleva, e, decidido, concordou que era preciso fazer uma picardia boa pra ensinar aqueles canalhas. Carajo!” (MARTINS, 1997, p. 91).

E a se a cidade tem o som dos

automóveis, que assustara Chiru, tem também o resultado das migrações forçadas, isto é, de que nem todos que rumam para esta vencem na vida, esse processo gera profundas desigualdades e estes rincões passam a ter a figura de pessoas que perambulam, como pedintes, como o esmoleiro, descrito nesta passagem: “Um esmoleiro, bastão na mão, sacola no ombro, cruzou por ele e o fitou com cara desconfiada, cara que só se bota para forasteiros. O esmoleiro sumiu numa ruazinha estreita formada de parapeitos de arame” (MARTINS, 1997, p. 95).

Perambulando pela cidade, Chiru é açoitado, pela polícia: “– Agarra a tua trouxe e anda!” (MARTINS, 1997, p. 96), em seguida a personagem sente-se como se fosse um novilho, conforme descrito no trecho “O inspetor e o soldado, gajos pela feição, levavam por diante o preso, que se sentia, nas suas comparações campeiras, como novilho repontado para a encerra do matadouro” (idem, p. 97). Aqui se pode trazer a reflexão no sentido comparativo, com a música “Poncho molhado”, gravada pelo grupo *Os Serranos* e José Claudio Machado (1987), em especial em suas estrofes finais:

“Irmão do gado, ele se sente nesta hora

E o seu destino, também vai, neste reponte

Igual a tropa, neste tranco, estrada a fora

Sempre encharcado de horizonte

A tropa segue, devagar, mugindo tonta

Talvez pressinta que seu fim

É o matadouro

E o tropeiro, entristecido, se dá conta

O boi é bicho, mas tem alma sob o

³ Provavelmente o narrador se refere à Revolução de 1923, que opôs durante onze meses chimangos

versus maragatos, ou seja, partidários de Borges de Medeiros contra os de Assis Brasil pelo comando do Rio Grande do Sul.

couro

O boi é bicho, mas tem alma sob o couro...”.

Terá Cyro Martins influenciado os compositores desta canção? Ou há no imaginário? Sendo patrimônio imaterial, as lides com o gado e a imagem dos matadouros? E posteriormente com a adentrada dos frigoríficos no Estado?

Chiru, pelas dificuldades enfrentadas, experimenta outras profissões, assim, de “Carroceiro de venda, changador, pipeiro, mascate... Sim, agora, por último, era mascate. Ofício de vagabundo, diziam, e era mesmo. Sesteava aqui, pousava lá, boiando à custa dos outros. E assim ia pelegueando a vida” (MARTINS, 1997, p. 100). Perceba-se que todas as profissões elencadas pelo autor têm a conotação de serem inferiores, do gentio, ou “ofício de vagabundo”, nas palavras de Cyro Martins.

As transformações impiedosas que a modernização e o capitalismo impõem na vida dos subúrbios, das pequenas cidades, são demonstradas pelo autor, como na passagem a seguir, onde também se observa os hábitos de Chiru, que dera em beber, e comercializava com os castelhanos, do outro lado do rio Uruguai, provavelmente do município vizinho, Artigas, no Uruguai.

Na passagem a seguir Cyro Martins constrói sua narrativa demonstrando a impotência do homem, o gaúcho, neste caso, Chiru, sobre os elementos da natureza: “A alma simples do índio se recolhia, acompanhando a alma grande dos campos na paz do anoitecer” (MARTINS, 1997, p. 105).

Chiru sonha: “Uma gana de voltar pelos caminhos andados... De ser outro, de ser como contam que foram os gaúchos andarengos de antigamente. De ser o que de certo fora seu pai, o índio vago... O que era ele, Chiru, o mascate, o lambe-espora? Um sotreta!” (MARTINS, 1997, p. 105).

O português Cortesão (2006) é

contemporizador de uma origem conjunta, da ação de lusos e espanhóis na região do Prata na formação do *gaucho* ou gaúcho, apesar da primazia portuguesa na “criação” quando da ação destes no processo de instalação da Colônia do Sacramento (que viria a ser o atual país Uruguai):

“(...) desde os fins do século XVII e, mais que tudo, depois da terceira fundação da Colônia, em 1716, **os portugueses haviam criado** no Território da Colônia, vaga expressão que abrangia as regiões que hoje se dividem entre o Uruguai e o Rio Grande do Sul, **uma economia nova e um gênero de vida próprio, dos quais pela colaboração com os espanhóis** de Buenos Aires, Santa Fé e Corrientes **veio a sair um tipo social específico – o do gaúcho**, que se tornou comum aos dois Estados uruguaio e rio-grandense” (CORTESÃO, 2006, p. 27, ênfase acrescida).

Ainda, no pajador Jayme Caetano Braun, se delineia a origem mais abrasileira do gaúcho, ou dos *gaúchos*, como o poema do autor descreve:

“Trago na genealogia,
índios – negros – lusitanos,
mestiços e castelhanos,
brotados da geografia
que à hora em que me paria,
livre de mal e quebranto,
parou pra ouvir o meu canto,
mesclado com a ventania!”
(BRAUN, 1997, p. 30).

Avançando rumo adentro do texto, Chiru que casara com Alzira, moça da fazenda, segue sua peregrinação pela sobrevivência, com nova profissão: “estava se dando bem na nova profissão. Fora tanta coisa... O que era, agora, ser boteiro? Ademais, aquilo às vezes dava. Dependia do câmbio. De como estivesse o peso” (MARTINS, 1997, p. 109).

Sempre a procura de sorte melhor, às vezes forçado a abandonar a ocupação de antes, segue Chiru e sua família. Em seguida o autor faz referência explícita ao título da obra aqui em estudo, “E assim ia, peleguando a sorte, como sempre, sem rumo certo” (MARTINS, 1997, p. 111).

Como todo sobrevivente nessas situações, aposta que será desta vez, “Pressentia que nesta, como noutras empreitadas assumidas no grito e por necessidade, daria com os burros nágua, mais dia, menos dia” (MARTINS, 1997, p. 111). E, novamente há o devaneio de Chiru: “se de novo se visse na largueza da campanha, campeiro bem montado, ar pachola, chilenas, pala, pingo de cola atada... Mas pra ser gaúcho como os de agora, não” (MARTINS, 1997, p. 111).

Mas se há todos esses sonhos, das lembranças da estância, de sua vastidão, do Pampa, da Campanha, nas memórias de Chiru – mesmo que esta imensidão de terras, a grande propriedade em que fora criado e, não era dele –, estas, quem sabe, se dão pela percepção da personagem frente às dificuldades vivenciadas e, frente às transformações que aquela sociedade atravessava. Por isso, o gaúcho andante, *sem rumo*, da história, não desejava ser peão como seus conterrâneos o eram, queria era ser o que fora, na infância ou que acompanhara na estância do Silêncio, assim, “Ser peão de estância como os de agora, não. Eram todos iguais, passando de estabelecimento, sem nunca se firmarem em nenhum, salvo um que outro caso” (MARTINS, 1997, p. 111). Aqui o autor escancara o nomadismo forçado, agora não mais na vastidão do campear o gado e, sim na mudança constante de estância em estância porque passavam os peões.

E se Chiru constrói o tipo ideal que permeava o imaginário dos peões, que desejava insistentemente ser, por outro lado, mostra o que eram naquele período os peões (o que não aspirava ser): “A ser gaúcho assim, sem ser gaúcho, sem aperi-

de dar inveja e sem pingo de estouro, preferia a vidinha de changueiro, boteco e canha da beira do povo” (MARTINS, 1997, p. 111).

Já ambientado, apesar de ser mais um transeunte (por pura imposição da necessidade de sobreviver, com sua família) do que um morador cidadão (com direitos e qualidade de vida) na cidade, Chiru experimentará votar, e aqui aparece uma das críticas mais contundentes de Cyro Martins nesta obra, do coronelismo e da corrupção eleitoral na República sul-rio-grandense. No trecho em que Lopes (um representante local dos situacionistas, no caso, borgistas) tenta convencê-lo de que vote no candidato de situação: “Estamos na República Nova, amigo. O Brasil começou outra vez” (MARTINS, 1997, p. 115).

Prosseguindo, Chiru vê a chuva por vir, se aproximando, “Ribombou uma trovoadas, já meio perto, para as bandas dos castelhanos, o lado chovedor. Chiru virou-se para a porta e viu que o tempo ia desabar” (MARTINS, 1997, p. 116). Nesta passagem é possível novamente trazer uma canção que possivelmente se inspira na obra de Cyro, trata-se de “Previsão”, de Adair de Freitas (1988):

“(O tempo se armou de fato
Lá pra o lado do Uruguai
Vai chover barbaridade
E sem poncho ninguém sai)
Isto é costume
Da gente lá da fronteira
Gente boa sem fronteira
Que observa a Natureza
É sutileza do peão, e está provado
Se armando pra aquele lado
Chove chuva com certeza”.

A seguir o autor mostra outra personagem significativa da obra, trata-se de Doutor Rogério, médico que trata das doenças dos mais pobres, por isso ganha sua afeição, e que, talvez por isso, pelo

capital simbólico adquirido, pensa em fazer frente aos governistas, desta forma, candidata-se como opositora ao governo local. Vagando pela cidade, após uma série de consultas, em uma série de pensamentos, sintetiza a situação dos mais pobres, do gaúcho em si e, monta as suas possíveis críticas, sensíveis ao que vivencia, no dia a dia com aquela população de miseráveis que incha a cidadezinha da obra: “a miséria da terra desamparada da mão do homem. Na verdade, mais do que o desamparo, lembrava doença e morte, ao calor abafado da tarde, a visão esturricada dos quintais. Onde andaria a fartura da terra aproveitada?” (MARTINS, 1997, p. 119).

Nas divagações do Doutor, se reproduz o guri, o imaginário que, tão caro no período mais recente do tradicionalismo, já àquela época Cyro mostrara: “Não foram longe os seus olhos e se toparam, de cheio, com as costinhas ossudas e franzinas dum guri cruzando a galope num cavaleiro de pau a rua poeirenta” (MARTINS, 1997, p. 119-120), é o imaginário do que outrora fora, mesmo que sendo não o era (o gaúcho foi sempre um desterrado, a parte da própria sociedade em que vive – um marginal), mas que serve aos desamparados.

E se esta pobre gente tem toa pouco, está só, perante a apatia de seus governantes que a tripudiam e a fazem de chacota, na politicagem da República gaúcha, como denuncia Cyro, Doutor Rogério se questiona: “se aquela pobre gente não jogasse o osso, que tinha até um conteúdo esportivo de competição, e não se ajudasse um tantito com uns tragos, que iria ser deles?” (MARTINS, 1997, p. 120) – quase que justificando, assim, o alcoolismo, perante tantas mazelas, o pouco que eles têm para escapar a lembrança do que será o amanhã.

No sentido do que o médico observa, e do que Golin (1989) afirma, traz-se trecho da canção gravada na voz de Luiz Carlos Borges, apresentada na 9ª Califórnia da Canção Nativa, na cidade de

Uruguaiana, estado do Rio Grande do Sul (1979):

“De vez em quando no horizonte do passado

Surge uma nuvem de lembrança andarilha

Vai repontando para dentro do meu peito

A minha infância com seus ossos em tropilha

(...)

Noutras andanças toco as reses dos meus sonhos

Por um estreito corredor feito esperança

Algumas vezes sou tropeiro outras sou tropa

Mas sempre guardo os bois de osso na lembrança”.

O médico continua, como que a questionar pela história, do que ela legou aos bravos gaúchos, partícipes tão contundentes nas inúmeras guerras na região, insiste: “O que fizeram pelos descendentes dos homens simples e valentes que encheram dois séculos de glória na história da pátria?” (MARTINS, 1997, p. 121). Do cancionário gaúcho, traz-se duas letras que seguem a linha manifesta pelo autor nas palavras de Doutor Rogério, inicialmente, com “Combatentes”, interpretada por Victor Hugo no 2º Musicanto Sul-Americano de Nativismo, na cidade de Santa Rosa, estado do Rio Grande do Sul (1984), tendo sido aclamado melhor interprete masculino pelo desempenho nesta letra:

“Pelos campos do Rio Grande, sempre houve combatentes

Onde estão esses guerreiros? Onde estão seus descendentes?

Gaúchos sem nome seguiram caudilhos

Perderam família, terra, gado, utensílios

Nobre massa guerrilheira

Consumida em fogo lento

Sem lembrança ou monumento”.

A outra canção foi imortalizada na voz de Leopoldo Rassier (1986), “Sabe moço”:

“É duro, moço
Olhar agora pra história
E ver páginas de glórias
E retratos de imortais
Sabe, moço
Fui guerreiro como tantos
Que andaram nos quatro cantos
Sempre seguindo um clarim
E o que restou ?
Ah, sim
No peito em vez de medalhas
Cicatrizes de batalhas
Foi o que sobrou pra mim...”.

Continua Doutor Rogério, “Não perceberam a enormidade do problema social que as migrações do campo para os arredores das cidades acarretam?” (MARTINS, 1997, p. 122), desta forma, propõe-se a candidatura, para “alterar para melhor o ritmo viciado da vida daquela gente” (idem, p. 124).

O Doutor Rogério finaliza a respeito do enchimento das cidades, via êxodo rural e falta de planejamento, de como a modernização tem levado a marginalia setores da sociedade, tal como a família de Chiru e Alzira e, outros gaúchos, “Há anos vinha assistindo, impotente para deter a marcha da miséria, ao crescimento fatal daquele monstro barrigudo de seus próprios destroços – a aldeia!” (MARTINS, 1997, p. 124).

No capítulo seguinte, o progresso ou as transformações que o capitalismo impunha àquela sociedade, se mostram ainda mais evidentes, pois “um avião riscava o ar parado e alvoroçando o espírito matinal da cidadezinha” (MARTINS, 1997, p. 141).

O capítulo 26 é aquele em que Chiru ganha nome, a partir do título

eleitoral que o apoiador do candidato do governo fez a ele, assim este o informa: “João Fernandes da Silva é o teu nome” (MARTINS, 1997, p. 141).

Restou, no capítulo 27 (o último), João ir se empregar em trabalho de construção de trilhos para uma linha ferroviária, no entanto, por lá, é visto como simpático ao comunismo, de Prestes (a época da Coluna) e é demitido: “você é um elemento perigoso!” (MARTINS, 1997, p. 153).

Desta forma, Chiru ouve “de novo o apito do trenzinho, agora de mais longe. Varou devagarinho de um ouvido a outro, sem ferir. E se foi embora, mato acima, a galopito, ecoando longo e tremido, como um apelo campeiro gritando dum fundo remoto” (MARTINS, 1997, p. 154). E assim a narrativa se conclui. Talvez, reste a Chiru fazer o que a música imortalizada por Telmo de Lima Freitas (1979), vencedora da 9ª Califórnia da Canção Nativa sugere:

“Nesta vida guapa
vivendo de inhapa
vai voltar aos pagos
para remoçar.

Quem vendeu tesouras
na ilusão povoeira
volte pra Fronteira
para se encontrar”.

A ilusão povoeira, a cidade, que antes representava a salvação, depois do êxodo rural, a fuga de Chiru, tornou-o um nômade em busca da própria sobrevivência, assim, voltar ao campo poderá ser um alento. Será? É o que a sequência da *trilogia do gaúcho a pé* poderá sugerir. Era o que restara. Postar-se contra o alambrado (ou àqueles que se encontram fechados por ele) e fantasia cidadina, cansados de andar pelas caronas, por ter ficado “fora dos alambrados” (TORRONTEGUY, 1994, p. 101).

E das palavras do *Martín Fierro*, o gaucho mais guapo da literatura regional, cabe a sentença da condição de Chiru:

“Él anda siempre juyendo,
Siempre pobre y perseguido,
No tiene cueva ni nido
Como si juera maldito –
Porque el ser gaucho... barajo,

El ser gaucho es un delito”
(HERNÁNDEZ, 2012, p. 90, ênfase acrescida).

Considerações Finais

A obra *Sem rumo* de Cyro Martins constitui-se na primeira parte do que se convencionou chamar de “trilogia do gaúcho a pé” e, esta mostra a saga de Chiru, um peão sem país que foi criado em uma estância, sofrendo violências até a adolescência quando resolve fugir e ganhar o mundo. A ideia exposta neste texto foi mostrar a partir da narrativa do escritor gaúcho como ficaram os mais pobres, em especial os peões, como o caso da personagem central da obra, como a modernização e a exclusão a partir das transformações na sociedade gaúcha, da ação do capitalismo, foram mostradas no livro e percebidas por Cyro, a crítica social deste, com fundamentos históricos permeando toda a narrativa, permitem fazer um quadro da situação destes *desgarrados*⁴ no estado mais setentrional e que mais deseja (ao menos por parte de seus ideólogos) se apartar do Brasil:

“Eles se encontram no cais do porto
pelas calçadas

Fazem biscates pelos mercados,
pelas esquinas,

Carregam lixo, vendem revistas,
juntam baganas

E são pingentes das avenidas da

capital

Eles se escondem pelos botecos
entre cortiços

E pra esquecerem contam bravatas,
velhas histórias

E então são tragos, muitos estragos,
por toda a noite

Olhos abertos, o longe é perto, o
que vale é o sonho

Sopram ventos desgarrados,
carregados de saudade

Viram copos viram mundos, mas o
que foi nunca mais será...”
(BARBARÁ, 1981).

Chiru passou por fases: de guri, brincalhão que cavalgava em cavalos de pau, sonhava imaginando quando seria enfim, ser peão, desenvolveu entre outras atividades, de carreteiro de venda, de mascate, de boteiro, por fim, trabalhou na construção de uma ferrovia, foi visto como simpático ao comunismo e preso algumas vezes, se tornou alcoólatra. Literalmente varrido pelas transformações que efetivavam no Rio Grande do Sul e, que um jovem, analfabeto podia ter, nas condições em que se *forjou* na vida povoeira, ou seja, na cidade.

Viu seu modo de vida se transformar, os peões migrarem para as cidades, as carroças enfrentarem a concorrência no transporte com os caminhões. A duras penas constitui família e, a partir disso teve que enfrentar o rosário de peregrinações, se boleando aqui e acolá, *sem rumo*, como que, a duras penas, provando o título da obra. Sentiu a corrupção que permaneceu – e talvez tenha se fortalecido especialmente depois da derrota dos assisistas na Revolução de 1923 – pelos pagos gaúchos, intimidando-o pela força da necessidade, constrangido que foi a aderir ao candidato do governo, apesar de, ao menos em pensamento

⁴ Referência à composição magistral de Sérgio Napp e Mario Barbará, interpretada pelo

segundo que, foi a vencedora da 11ª Califórnia da Canção Nativa em 1981.

expor sua aposição e simpatia pelo humanista médico da cidadezinha. Apesar de tudo, derrotado foi mesmo que expulso e, como que para baixar a cortina da derrocada do herói andante, um trem, símbolo do progresso, do desbravamento, da chegada da civilização, segue, apitando, imponente, sua vitória, e de Chiru, nem se despede o narrador.

Cyro Martins faz uma ácida crítica social ao abandono do herói de outrora, que defendeu a fronteira a ponta de lança e a bala, que, alheio e arredio como que o cavalo, seu alter ego, como um centauro, que jamais se permitiu domar, mas que vê a modernização o silenciar, restando apenas lembrança no imaginário popular e nas construções e invenções da tradição que parte da intelectualidade sulina tenta impor há pelos menos dois séculos.

O gaúcho vive? Qual foi o destino de Chiru? Por onde andarão os seus descendentes? Eles resistiram à modernização?

Referências

- ALTAMIRANO, Carlos. Ideias para um programa de História intelectual. Trad. Norberto Guarinello. **Tempo Social**, v. 19, n. 1, jun./2007, p. 9-17.
- BARBARÁ, Mario. Desgarrados (composição conjunta com Sérgio Napp). In: Álbum da **11ª Califórnia da Canção Nativa**. LP, 1981.
- BRAUN, Jayme C. **Paisagens perdidas**. 2ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1997.
- BORGES, Luiz C. Gado de osso (composição de Humberto Zanatta). In: Álbum da **9ª Califórnia da Canção Nativa**. LP, 1979.
- CORTESÃO, Jaime. O território da Colônia, berço do Uruguai e do Rio Grande do Sul. In: **Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid**. Tomo II. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p. 27-57.
- COUTINHO, Afrânio; SOUZA, José G. (Dir.). Cyro Martins. In: **Enciclopédia de literatura brasileira**. Vol. II. 2ª ed. São Paulo: Global Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/ DNL, Academia Brasileira de Letras, 2001, p. 1025-1026.
- FREITAS, Adair de. Previsão (composição própria). In: **Meu canto**. LP, 1988.
- FREITAS, Telmo de L. Esquilador (composição de Edson Otto). In: Álbum da **9ª Califórnia da Canção Nativa**. LP, 1979.
- GOLIN, Tau. **A tradicionalidade na cultura e na história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Tchê, 1989.
- HERNÁNDEZ, José. **Martín Fierro**. Trad. Antonio A. Fagundes. Porto Alegre: Letra & Vida; Editora da Cidade, 2012.
- MACHADO, José C.; OS SERRANOS. Poncho molhado (composição de José Hilário Retamozo e Everton Ferreira). In: **Isto é... Os Serranos**. LP, 1987.
- MARTINS, Cyro. **Sem rumo**. 6ª ed. Porto Alegre: Movimento, 1997.
- RASSIER, Leopoldo. Sabe moço (composição de Francisco Alves). In: **Não podemos se entregá pros home**. LP, 1986.
- TORRONTÉGUY, Teófilo O. V. **As origens da pobreza no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto; Instituto Estadual do Livro, 1994.